



Revista Eletrônica de Filosofia  
*Philosophy Eletronic Journal*  
ISSN 1809-8428

São Paulo: Centro de Estudos de Pragmatismo  
Programa de Estudos Pós-Graduados em Filosofia  
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo  
Disponível em <http://www.pucsp.br/pragmatismo>

Vol. 16, nº. 2, julho-dezembro, 2019, p.268-274  
DOI: 10.23925/1809-8428.2019v16i2p268-274

## O QUE É A ESTÉTICA?

**George Santayana<sup>1</sup>**

**Tradução de Laura Elizia Haubert**

Universidad Católica de Córdoba  
[eliziahaubert@gmail.com](mailto:eliziahaubert@gmail.com)

\* \* \*

### Nota de apresentação da tradução

O presente texto foi publicado pela primeira vez em 1904, na revista *The Philosophical Review* e mais tarde foi reeditado em *Obiter Scripta*. Conforme elucidou Danto (1988), ele é um ponto decisivo na produção para mostrar as posições iniciais de Santayana a respeito da beleza, especialmente no que seria depois desenvolvido no livro *The Sense of Beauty*.

No entender de Danto (1988, p. xvii), “[...] há uma certa impaciência e exasperação em ‘O que é a estética?’ que somente podem ser explicadas em razão de um reconhecimento tímido de que o seu antagonista era ele próprio.”<sup>2</sup> O texto é caracterizado por uma série de declarações fortes, precisas, que se estendem por sete páginas, marcados por uma polêmica selvagem à qual Santayana dedica certo humor, que lhe era característico.

O presente artigo já desvela algumas das características marcantes da estética de Santayana, especialmente sua negação em reduzir a estética a uma disciplina acadêmica. Para ele, a estética estava interligada com os mais diversos aspectos da vida, sendo que arte e vida estão tão interligadas que a beleza não pode ser considerada como um valor separado desse conjunto (PATELLA, 2010).

Em suma, poder-se-ia dizer que Santayana apresenta uma defesa da superioridade da experiência estética, o que não significa o mesmo que defender a teoria estética. Sua preocupação estava dirigida muito mais em sentir essa experiência, como se pode já notar em algumas passagens do presente artigo.

---

<sup>1</sup> SANTAYANA, George. What is Aesthetic? In: *The Philosophical Review*, vol. 13, n. 3, p.320-327, 1904. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/2176284?origin=JSTOR-pdf>

<sup>2</sup> Tradução livre de “(...) there is an impatience and exasperation in “What is Aesthetics?” which can only be explained as due to the author's chagrined recognition that his antagonist was himself.”

A presente tradução foi realizada a partir da primeira publicação do texto, a saber, o artigo de 1904. Contou-se com o auxílio do texto original, bem como com a tradução feita para o espanhol<sup>3</sup>.

### O que é a estética?

Um conhecido matemático, que certamente está livre dos preconceitos que sua ciência pode promover, disse uma vez que todos os problemas são divididos em duas classes, as questões solúveis, que são triviais, e as questões importantes, que são insolúveis. Este epigrama, caso escolhamos, momentaneamente, levá-lo a sério, pode nos ajudar a tratar de maneira rápida e enérgica o tópico de que nos ocupamos. Nosso problema seria, de fato, solúvel e trivial, se quiséssemos apenas fixar a relação entre uma estética conceituada de forma arbitrária e outras ciências delimitadas por nós mesmos. Seria tudo uma questão de compelir a realidade em um novo uniforme verbal. Deveríamos ter em nossas mãos, se tivéssemos êxito, um regimento de ciências ideais e não-existentes, ao qual deveríamos aplicar títulos mais ou menos antecipados por estudos reais de humanidades; mas em sua perfeita articulação e simetria, nossa classificação se eximiria de qualquer subserviência ao uso e ignoraria o agrupamento histórico e a genealogia das atividades existentes.

Deste modo, na recente *Estética* de Benedetto Croce, por exemplo, aprendemos que a estética é pura e simplesmente a ciência da expressão; expressão definida como idêntica a toda forma de apercepção, intuição, ou síntese imaginativa. Essa estética imaginada inclui toda a teoria da fala e toda a atenta percepção, enquanto não tem nada a ver com a arte e a beleza ou qualquer tipo de preferência. Essa criação de sistemas pode ser o jogo mais aprendido, mas nada contribui para o conhecimento. O inventor da *Volapük*<sup>4</sup> pode exibir uma considerável familiaridade com as atuais línguas, e muita perspicácia em comparar e criticar suas gramáticas, mas sua própria gramática não descreveria esse discurso vivo. Assim, o autor de alguma articulação nova e ideal das ciências apenas nos diz como ele poderia ter falhado junto, se tivesse se conformado profeticamente a um esquema que agora sugere por si mesmo uma fantasia verbal. Como se um homem apreciasse por natureza a magnificência arquitetônica, mas vivendo por acaso em uma casa construída de barro e escombros, deveria rebocá-la por fora, e, com a ajuda de um pouco de tinta, deveria ser dividida em enormes blocos unidos com magistral precisão e aparentemente apto para durar por eras. Quando esse brilhante efeito foi alcançado, e o olho especulativo regozijou-se com sua obra prima, a questão verdadeiramente importante ainda permanece, a saber, o que era realmente a estrutura da casa, e quanto tempo se poderia esperar que retivesse vestígios do desenho sem sentido que o capricho do proprietário decorou.

Talvez pudéssemos tratar nosso assunto melhor se voltarmos ao nosso amigo matemático, e tentar transformar seu dito satírico em algo semelhante a uma verdade sóbria. Algumas questões, digamos, são importantes e solúveis, porque o

<sup>3</sup> SANTAYANA, George. ¿Qué es la estética? Traducción de Ignacio Rodríguez de Guzmán. *Fedro, Revista de estética y teoría de las artes*, n.4, 2006.

<sup>4</sup> O volapük a que Santayana se refere é a língua artificial criada por Johann Martin Schleyer, que publicou o primeiro manual em alemão em 1880. Seu intento era ajudar a resolver os problemas de comunicação internacional. Quando publicada, a língua teve um rápido sucesso chegando inclusive a chamar atenção da Sociedade Filosófica Americana, que chegou a verificar se o volapük cumpria os requisitos mínimos para o que se propunha. O parecer foi negativo, e o volapük foi considerado excessivamente inflexional, e seu vocabulário inadequado. (GRAVIA, 2012).

assunto pode controlar a resposta que damos a elas; outros são insolúveis e meramente vexatórios, porque os termos em que são colocados já traduzem e deslocam a constituição das coisas. Hoje, a palavra 'estética' nada mais é do que um termo vago ultimamente aplicado em círculos acadêmicos a tudo que tenha a ver com obras de arte ou com o senso de beleza. O homem que estuda a pintura veneziana se ocupa esteticamente, assim como o que se experimenta em um laboratório com a divisão mais agradável de uma tira de papel branco. A última pessoa é, sem dúvida, um psicólogo; o primeiro nada mais é que um miserável amador, ou, na melhor das hipóteses, um historiador da arte. A estética seria também qualquer especulação sobre a relação dialética do belo com o racional ou com o absolutamente bom; dessa mesma forma, um teólogo, excogitando a emanção do Espírito Santo do Filho e do Pai, poderia estar a caminho de [ser] um esteta, apenas se o Espírito Santo se manifestasse para significar a plenitude da vida realizada em beleza, quando as emoções profundas permeariam as ideias complexas e luminosas.

A verdade é que o grupo de atividades que podemos chamar de estético é um grupo heterogêneo, criado por certos acidentes históricos e literários. Toda vez que a consciência se torna imaginativa e encontra uma unção lisonjeira em sua *phantasmagoria*, ou sempre que o objeto construído para qualquer propósito, resulte ter valores de percepção notáveis intrínsecos, pronunciamos a palavra 'Estética'; mas essas ocasiões são diversas, e não há uma única agência na natureza, nenhum órgão sensorial específico, e nenhuma função separável no espírito, à qual a qualidade estética possa ser atribuída. A experiência estética é tão ampla e incidental que se espalha de uma forma diluída por toda a vida, que, como a própria vida, ela se abre para a reflexão de divergentes perspectivas. A divisão natural mais importante no campo da reflexão é aquela entre a visão das coisas encontradas e a visão das coisas apenas concebidas ou desejadas. Essas são duas direções opostas e centrífugas nas quais o conhecimento racional pode se expandir; ambos divergem da raiz comum fornecida pelo conhecimento prático, memória, e história, um, procedendo pela observação, produz as ciências naturais, e o outro produz a ciência ideal, que procede pela dialética. No entanto, mesmo essas duas regiões, as mais díspares possíveis em especulação, cobertas respectivamente pela filosofia pré-socrática e pela socrática, estão longe de serem separáveis, já que antes que os fatos externos possam ser estudados eles devem ser fixados pela atenção e traduzidos em termos com um propósito fixo, de tal forma que relações e proposições possam ser formuladas sobre eles; enquanto esses termos no discurso, esses objetivos de propósito ou atenção, por sua vez, devem ser levados ao longo do fluxo da existência, e suas formas fortuitas devem ser interpretadas.

Agora, muito do que é estético é factual, por exemplo, os fenômenos da arte e do gosto, e tudo isso é um objeto para a história natural e a filosofia natural, mas muito também é ideal, como o esforço e a intenção da composição poética, ou a interpretação da música, tudo o que diz respeito apenas a satisfazer a intenção e estabelecer valores. Que a psicologia possa ocasionalmente lidar com questões estéticas é inegável. Não importa quão claramente os objetos se sobressaem em seu próprio ambiente natural, eles podem ser devolvidos retrospectivamente à experiência que os descobriram. Agora, reduzir tudo à experiência que a revela é, sem dúvida, a missão da psicologia - uma proeza na qual se embasa o idealismo atual, de modo que o assunto da estética, por mais variado que seja em si, pode ser engolido no vórtice psicológico, junto com tudo o mais que existe. Porém, a

matemática ou a história ou os juízos de gosto podem cair no campo psicológico apenas de forma adventícia e para uma terceira pessoa. Uma eventual subsunção de todo o universo sob categorias psicológicas ainda deixaria toda busca humana em pé e todo campo da experiência ou da fé distinta em sua hipóstase nativa e persistente. A inteligência é centrífuga. Cada parte da vida racional, apesar de todas as reflexões e críticas, permanece na presença de seu próprio ideal, consciente dos objetos que ela mesma imagina, e não do processo que lhe é imputado por outro. A experiência estética, portanto, continuará iludindo e extrapolando a psicologia de uma centena de maneiras, embora, à sua própria maneira, a psicologia possa eventualmente pesquisar e representar toda a experiência estética.

Se a psicologia deve, por vezes, considerar os fatos estéticos, a filosofia moral deve, por vezes, considerar os valores estéticos. Como a dialética matemática começando com intuições simples, desenvolve sua importância, assim também a dialética moral começando com uma vontade animal, desenvolve seus ideais. Agora, uma parte do ideal do homem, um ingrediente em sua felicidade suprema é encontrar satisfação para os olhos, para a imaginação, para as mãos ou para a voz sofrendo por incorporar tendências latentes em formas explícitas. O êxito perfeito nesse empreendimento vital e estético só é possível, no entanto, quando o impulso artístico é bastante saudável e representativo, isto é, quando é favorável a todos os outros interesses e, por sua vez, é apoiado por todos eles. Se essa harmonia falha, a atividade estética colapsa interiormente por inanição, uma vez que todos os outros impulsos estão lutando contra ela, enquanto pela mesma razão seus produtos externos são tornados triviais, meretrícios e mesquinhos. Ainda permanecerá sintomáticos, como os excrementos, mas deixarão de ser obras de arte racionais porque não terão mais nenhuma função vital, nenhum uso humano. Tornar-se-á impossível para uma mente com o menor alcance apreciá-las ou para achá-las ainda que inicialmente bonitas. O bem estético não é, portanto, um valor separável; não é realizável por si só em um conjunto de objetos que não sejam de outra forma interessantes. Qualquer coisa que seja para entreter a imaginação deve primeiro ter exercido os sentidos, deve primeiro ter estimulado alguma reação animal, envolvendo atenção e entrelaçando no processo vital; e mais tarde, esse bem estético, com valores animais e sensuais embutidos nele e produzindo sua própria substância, devem ser engolidos por uma vida racional, pois a razão se sentirá imediatamente chamada a sintetizar aquelas atividades imaginativas com qualquer outra coisa que tenha valor. Assim como o bem sensual subjacente deve ser necessariamente fundido no imaginativo (sendo seu produto o que chamamos de encanto estético), também em uma mente cultivada os interesses racionais posteriores, nunca estando fora de vista, se fundirão na mesma apreciação total e imediata. Será tão impossível acolher completamente o que é cruel ou tolo, o que é infundado, estúpido e puramente estético, como totalmente acolher o que a dor física produz. A razão nos faz desaproveitar com alguma parte de nossa natureza o que é ofensivo para qualquer outra parte, e até mesmo a evidência matemática, por exemplo, torna-se trivial, na medida em que o objeto matemático é irrelevante para o bem humano. Toda a sabedoria deve colorir o julgamento que deve ser verdadeiramente imaginativo e deve expressar adequadamente uma sensibilidade rápida e esclarecida.

A questão de saber se a estética faz parte da psicologia ou de uma disciplina filosófica à parte é, portanto, uma questão insolúvel porque a estética não é nenhuma das duas. Os termos do problema violam a estrutura das coisas. As linhas

de divisão da história humana e da arte não se isolam em nenhum bloco de experiência como se supõe que a estética descreve. O reino do belo não é um recinto científico; como a religião é um campo de experiência sublimada que várias ciências podem atravessar parcialmente e que nenhuma pode cobrir totalmente. Também não podemos dizer que analisar o sentido da beleza é uma tarefa psicológica, por isto esta análise constitui uma ciência especial. Pois então, a astronomia também teria uma psicologia própria, e até mesmo sua estética especial, e uma nova ciência surgiria sempre que um novo objeto se oferecesse a qualquer observador.

O que existe no plano ideal no lugar de uma ciência estética é a arte e a função da crítica. Esta é uma apreciação fundamentada de obras humanas por sua mente não totalmente ignorante de seu assunto ou ocasião, sua escola, e seu processo de fabricação. A boa crítica se apoia em uma grande variedade de considerações, mais numerosas em proporção à competência e maturidade do crítico. Nada relevante para a eficácia do objeto deve ser ignorado, e um crítico inteligente deve olhar imparcialmente para a beleza, propriedade, dificuldades, originalidade, verdade, e significado moral da obra que julga. Em outras palavras, à medida que cada coisa, por sua existência e influência, irradia efeitos sobre a vida humana, adquire várias funções e valores, às vezes cumulativos, às vezes alternativos. Estes valores é trabalho do filósofo moral perceber e combinar da melhor maneira possível em um ideal harmonioso, ser o objetivo do esforço humano e um padrão para a estimativa relativa das coisas. Sob a autoridade de tal padrão, as artes e seus produtos, são submetidos juntamente com tudo o mais contido no céu e na terra. Rumo ao enquadramento racional deste padrão deve ir, juntamente com todos os outros interesses e deleite, o interesse e prazer que os homens encontram no belo, seja para observá-lo ou para concebê-lo e produzi-lo. Sensibilidade estética e impulso artístico são dois dons distinguíveis uns dos outros e de outros dons humanos, os prazeres que acompanham podem, é claro, ser separados artificialmente dos prazeres massivos e das energias fluídas da vida. Mas, orgulhar-se de manter um único interesse livre de todos os outros, e de se perder naquela sensação específica, excluindo todas as suas afinidades e efeitos, seria se orgulhar de ser um tolo voluntário. A sensibilidade local, isolada, o desamparo diante de cada estímulo sucessivo, é precisamente no que consiste a insensatez. Então, tentar abstrair um assim chamado interesse estético de todos os outros interesses, e uma assim chamada obra de arte de qualquer trabalho\*, de um modo ou de outro, para todo o bem humano, é fazer com a esfera estética seja desprezível. Nunca houve qualquer arte digna de nota sem base e ocasião práticas, ou sem alguma função intelectual ou religiosa. Divorciar de uma maneira esquemática, uma fase de atividade racional de todo o resto é tornar irrelevante cada parte e o todo novamente irracional, tal curso levaria nas artes, se levasse a qualquer coisa, a trabalhar sem assunto ou significado ou brilho moral. Levaria em outros campos a uma matemática sem aplicação na natureza, a uma moralidade sem raízes na vida, e a outras fantásticas abstrações totalmente irrelevantes entre si e inúteis para julgar o mundo.

Tampouco tal isolamento do ideal estético asseguraria qualquer divisão permanente de funções, nem mesmo atingiria uma análise técnica final. Pois, depois que a suposta esfera estética foi abstraído ao custo de torná-la uma região de pura idiotice, resultaria que um elemento estético permaneceu embutido nos outros pensamentos e ações dos homens. Seus motores a vapor, seus jogos, sua prosa e

sua religião se revelariam incorrigivelmente, inerentemente, belos ou feios. Assim, lado a lado com o esteticismo puro - algo tão duvidoso e desumano - deveríamos admitir as inegáveis belezas da não-estética, de tudo que fosse adequada, lúcido, benéfico ou profundo. Pois, o que é praticamente útil logo adquire uma presença graciosa, o olho aprende a traçar sua forma, a desfazer suas características com uma consciência latente de sua função e, se possível, a remodelar o próprio objeto de modo a adequá-lo melhor às exigências abstratas da visão, que uma coisa tão excelente possa tornar-se completamente agradável. A satisfação estética, portanto, vem aperfeiçoar todos os outros valores; eles permaneceriam imperfeitos se a beleza não sobreviesse a eles, mas a beleza seria absolutamente impossível se eles não fossem subjacentes. Pois a percepção, enquanto em si um processo, não é percepção se não significa nada ou não tem função ulterior; e assim os prazeres da percepção não são belos, se eles são ligados a nada substancial e racional, a nada com direito de cidadania no mundo natural ou moral. Felizmente, porém, o mérito da agradabilidade imediata tende a se difundir sobre o que de outra forma é bom, e tornar-se, para mentes refinadas, um símbolo de excelência total. E simultaneamente, o conhecimento do que as coisas são, do que a habilidade significa, daquilo que o homem suportou e desejou, arrendatários como uma inundação que a terra de ninguém do mero esteticismo, e o que nos pediram para chamar de bela por pura afetação e pedantismo, agora se torna belo de fato.

Na filosofia moral, portanto, há tão pouco espaço para uma disciplina especial chamada 'estética' quanto existe entre as ciências naturais. Assim como podemos considerar, entre outros eventos naturais, os prazeres relacionados a imaginação e à arte, quando podemos descrever suas ocasiões e detalhar suas variedades, na filosofia moral, podemos nos treinar para articular juízos estéticos vagamente chamados, para aplicar e esclarecê-los, para estimar seu peso, captar sua mensagem variável e encontrar sua congruência ou incongruência com outros interesses. Este será um exercício de julgamento moral, de idealizar a razão, e sua própria função de atribuir valor reflexivamente e com justiça abrangente proibirá sua limitação no valor aparente da sensação vazia, ou habilidade abstrata, ou da auto expressão automática; quaisquer que sejam os interesses cobertos por esses termos, serão apenas ingredientes na apreciação total que nossa crítica deve alcançar. A função do crítico é precisamente sentir e confrontar todos os valores, relacionando-os e, se possível, em harmonia.

Por conseguinte, a questão de se a estética é parte da psicologia ou de uma disciplina separa é, eu repito, uma questão insolúvel, porque cria um dilema que não existe nos fatos. Uma parte da psicologia lida com assuntos estéticos, mas não pode esgotá-los; partes de outras ciências também lidam com o mesmo. Uma ciência estética única e completa, natural ou ideal, é um ídolo da caverna e uma quimera escolástica. Como a arte quase não prosperou onde os homens eram bárbaros ou pouco inteligentes, ou onde a riqueza e a liberdade não existiam, também a teoria da sensibilidade estética não pode avançar, exceto por um avanço na história e na psicologia; enquanto produzir uma justa e frutífera apreciação da beleza é primeiro requisito para enobrecer a vida, purificar a mente com uma educação elevada, com muita disciplina de pensamento e desejo. O gênio criativo não encontraria materiais adequados para interpretar, nem poderia, de outro modo, adivinhar que direção suas idealizações deveriam tomar, de modo a fazer, então, quais são as verdadeiras belezas, tantas premonições de benefícios ou tantos ecos de felicidade.

\* \* \*

## BIBLIOGRAFIA

DANTO, Arthur C. Santayana's The Sense of Beauty: an introduction. In: SANTAYANA, George. **The Sense of Beauty**: being the outlines of aesthetic theory. Critical Edition. Cambridge/Massachusetts: The MIT Press, 1988.

GRAVIA, Roberto. A batalha das línguas artificiais (volapük, o primeiro ator). **Tempo soc.** vol. 24, n.2, p.59-78, 2012.

SANTAYANA, George. What is Aesthetic? In: **The Philosophical Review**, vol. 13, n. 3, p.320-327, 1904.

\_\_\_\_\_. ¿Qué es la estética? Traducción de Ignacio Rodríguez de Guzmán. **Fedro, Revista de estética y teoría de las artes**, n.4, 2006.

PATELLA, Giuseppe. **Belleza, arte y vida**: la estética mediterránea de George Santayana. Traducción y nota preliminar Amparo Zacarés. Valencia: Publicaciones Universidad de Valencia, 2010.